



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Culturas Juvenis e Escola: Olhares Docentes
Autor	LUCAS CARBONI VIEIRA
Orientador	DORIS MARIA LUZZARDI FISS

Culturas Juvenis e Escola: Olhares Docentes

Dóris Maria Luzardi Fiss (Orientadora – FAGED/UFRGS)
Lucas Carboni Vieira (Acadêmico de Pedagogia – UFRGS)

Balizado na Análise de Discurso (AD) francesa fundada por Michel Pêcheux, este trabalho surpreendeu sentidos em respostas enunciadas por 46 professores da Educação Básica (rede pública municipal, estadual e particular), de Porto Alegre e Região Metropolitana (Rio Grande do Sul, Brasil), acerca das culturas juvenis na escola e suas implicações curriculares. A pesquisa foi realizada em 2013 e 2014, através de entrevistas semiestruturadas, constituindo uma investigação quantiquantitativa. No que concerne ao conhecimento e ao currículo, buscou-se argumentos em Boaventura de Sousa Santos, Michael Apple e Tomaz T. da Silva. Sobre as diversas possibilidades do sentido de ser jovem e ser escola, Geraldo Leão, Paulo Carrano, Carlos H. Martins e Juarez Dayrell auxiliaram na reflexão. Angelina Peralva e Zygmunt Bauman subsidiaram a discussão relativamente aos jovens na conjuntura da contemporaneidade. Evidenciaram-se efeitos de sentido de sujeito sociocultural, conhecimento-corno-regulação, sensocomunização e estranhamento. Revelaram-se os docentes como sujeitos líquidos, cambiando entre perspectivas conservadoras e perspectivas de desestabilização. A postura de transformação se manifestava quando da consideração dos jovens como sujeitos socioculturais, parte do currículo, agentes ativos dele/nele. Pôde-se ouvir ressonâncias do paradigma emergente assim como é proposto por Boaventura, que convida a repensar os discursos sobre a ciência e, por consequência, a forma de produzir conhecimento no espaço escolar. Percebeu-se que os professores não consideram o jovem de uma única maneira: às vezes consideram-no como aluno universal “portador” de identidade homogênea; por vezes, sujeito estranho, que gera tensionamento entre a constituição cultural do professor, sujeito adulto, e do aluno, sujeito jovem; em outros casos creem indispensável a voz do aluno compor o coro que fala da e na escola. Revelam assim seus fazeres pedagógicos e seus objetivos para o jovem. Estes objetivos, em alguns casos, vão de encontro àqueles dos estudantes, outras vezes afinam-se e com eles estabelecem parceria. Portanto, identificaram-se, nas falas dos docentes, tanto movimentos parafrásticos, de sedimentação do já-dito, do tradicional, quanto polissêmicos, de ressignificação dos sentidos da prática pedagógica, de criação de possibilidades outras, apontando para identidades docentes líquidas.